

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA

**ANAIS DE TEXTOS COMPLETOS DO 6º SEMINÁRIO NACIONAL
DE LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**



Rio Grande/RS

FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B.; FINATTO, M. J. B.; TEIXEIRA, M. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V. N. A enunciação e os níveis de análise linguística. IN: SITED: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TEXTO, ENUNCIÇÃO E DISCURSO, 2010, Porto Alegre, PUCRS. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/ValdirDoNascimentoFlores.pdf>>. Acesso em: 04 de novembro de 2016.

FLORES, V. N. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Editora: Contexto, 2013a.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. 1ª ed. – São Paulo: Parábola, 2013b.

GUIZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

MAINGUENEAU, D. “A propósito do *ethos*”. IN: MOTTA, A. N.; SALGADO, L. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2008.

MAINGUENEAU, D. “Ethos, cenografia, incorporação”. IN: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais, definição e funcionalidade”. IN: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R.; BEZERRA, M.A. **Gêneros textuais e ensino**. - 4.ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual e análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de la argumentación. La nueva retórica**. 1ª ed. Madrid: Gredos, 1989.

TRAVAGLIA, L. C. **Uma introdução ao estudo do humor pela linguística**. DELTA, São Paulo, v. 6, n. 1, pp. 55-82, fev. 1990.

O PAPEL DA TRANSGRESSÃO NO DISCURSO

Cláudio Primo Delanoy (PUCRS)

Com este trabalho propomo-nos a refletir sobre o papel da transgressão no discurso sob o enfoque da Teoria dos Blocos Semânticos, de Marion Carel e de Oswald Ducrot. Trata-se de um trabalho inicial, portanto não temos a pretensão de chegar a resoluções definitivas. A transgressão no discurso chama a atenção por indicar rompimento com a norma, e com isso materializa uma disputa de pontos de vista opostos acerca de um tema. A transgressão mostra a outra voz, o “não”, o outro lado, conforme

veremos nas reflexões de Carel e Ducrot e nas análises que apresentaremos. Elegemos essa fundamentação teórica porque é uma proposta semântica de análise linguística pela qual o sentido é construído pela relação estabelecida entre palavras, frases e parágrafos, quer dizer, construído pela própria língua, em uma situação enunciativa. Por situação enunciativa entendemos o surgimento de um enunciado situado no tempo e no espaço sob a responsabilidade de um locutor dirigido a um alocutário.

Este trabalho inicia com a apresentação da Teoria da Argumentação na Língua (ANL) e da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) por meio de seus conceitos fundamentais, sobretudo aqueles mais relevantes para esta pesquisa, quais sejam: sentido, bloco semântico, encadeamentos e aspectos argumentativos, norma e transgressão, formalização das relações entre aspectos argumentativos, argumentação externa e interna. A seguir, dispomo-nos a apresentar como a TBS descreve e explica os encadeamentos transgressivos em suas relações com encadeamentos normativos. Após, mostraremos algumas ocorrências de discursos transgressivos atribuídos a duas obras de arte, a uma tira de Mafalda e a um trecho de discurso de Paulo Freire. Por fim, faremos algumas considerações sobre a transgressão no discurso a partir das análises realizadas. Iniciamos, então, pela TBS.

A Teoria dos Blocos Semânticos, fase da Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot e de Jean-Claude Anscombre, filiada à teoria saussuriana, concebe o sentido das expressões linguísticas relacionado a continuações da referida expressão no discurso. A esse respeito, escreve Ducrot:

Em termos gerais, pode afirmar-se que a ANL é uma aplicação do estruturalismo saussuriano à semântica linguística na medida em que, para Saussure, o significado de uma expressão reside nas relações dessa expressão com outras expressões da língua. (CAREL; DUCROT, 2005, p.11. Tradução nossa).

Isso significa que o sentido, para essa abordagem semântica, é construído internamente ao sistema linguístico, de forma independente de exterioridades. A TBS, assim como a ANL, não se constitui como uma teoria referencialista, para a qual os fatos do mundo seriam imprescindíveis para a construção semântica do enunciado. Ducrot (1990) explica a independência entre a linguagem e os fatos do mundo na construção da argumentação. Por exemplo, diante de uma certa quantidade de comida ingerida por um paciente hospitalizado, alguém poderia dizer que ele *comeu pouco* ou que ele *comeu um pouco*. Ao dizer que o paciente *comeu pouco*, a continuação do discurso se dá por uma orientação negativa, concluindo, por exemplo, que sua recuperação irá demorar. Porém,

se diante do mesmo prato alguém disser que ele comeu *um pouco*, a orientação apontará para uma breve melhora do paciente. *Pouco* e *um pouco* são expressões linguísticas que, ao serem usadas no enunciado, orientam o discurso em direções opostas. Por meio desse exemplo, o linguista tentou explicar que a quantidade de alimento ingerido, o fato no mundo, não é o importante na argumentação, mas sim como o locutor posiciona-se ante o referido fato. Outro exemplo: diante de certo tempo que antecede um programa de tv às 20h, o locutor poderá dizer *não são ainda 20h* ou *são quase 20h*. Ao escolher uma forma ou outra, ele argumenta de modos distintos. Caso opte por *não são ainda 20h*, a continuação do discurso apontará para *ainda há tempo para iniciar o programa*. Ao contrário, ao dizer *são quase 20h*, orientará para *não há muito tempo até começar o programa*. Novamente percebemos a construção de argumentações independentemente dos fatos do mundo, mas por expressões de pontos de vista do locutor a respeito do mundo. Os fatos são tomados como um tema, mas a responsabilidade da argumentação é do locutor. A argumentação, dessa maneira, se dá pela articulação dos elementos linguísticos do enunciado, que orientam continuações mais ou menos determinadas para o discurso.

Segundo a ANL, o sentido, como acabamos de ver, constitui-se a partir do uso, quer dizer, em uma instância enunciativa. Uma particularidade nessa concepção de sentido é que as entidades linguísticas não significam por elas mesmas: “A ideia central da teoria é que o sentido mesmo de uma expressão é dado pelos discursos argumentativos que podem encadear-se a partir dessa expressão” (CAREL; DUCROT, 2005, p.13, tradução nossa). Logo, no âmbito da TBS, o sentido de uma expressão é constituído por certos discursos que essa expressão evoca. A natureza do sentido, na visão ducrotiana, é puramente linguística, e não constituída por propriedades psicológicas, nem por crenças ou ideias. É por isso que se atribui a Ducrot a criação de uma semântica linguística.

A descrição semântica de uma expressão linguística é feita por *encadeamentos argumentativos*. São discursos atribuídos aos enunciados, representados por dois segmentos ligados por um conector sob a forma A CONECTOR B. Os encadeamentos são a unidade mínima de sentido, como esclarecem os pesquisadores: “Para nós, as relações entre signos que estão na base de todo significado, e que são como átomos da significação, são o que chamamos ‘encadeamentos argumentativos’ ou ainda ‘argumentações’” (CAREL; DUCROT, 2008, p.9). O primeiro segmento (A) é chamado *suporte* e o segundo (B) é o *aporte*. Os conectores podem ser de dois tipos: *portanto* e *no entanto*. São exemplos de encadeamentos argumentativos: *está calor lá fora, portanto vamos sair; ele estudou para o teste, no entanto não foi aprovado*. A TBS também propõe

que os encadeamentos argumentativos possam ser expressos em sua essência, por meio de *aspectos argumentativos*. Os aspectos traduzem o que há de essencial na argumentação. Na construção do aspecto argumentativo usamos protótipos dos conectores sob as formas de DC, simbolizando *portanto* (de *donc*, do francês) e de PT, *no entanto* (vindo de *pourtant*). O conector DC forma aspectos *normativos* e o PT constitui aspectos *transgressivos*. Ao tomarmos os exemplos de encadeamentos citados anteriormente, temos como aspectos a eles relacionados, respectivamente, *estar quente DC sair* e *estudar PT neg-ser aprovado*. Como os aspectos expressam um sentido geral, amplo, vários encadeamentos podem ser formados a partir deles. Assim, a partir de *estar quente DC sair* podemos construir os encadeamentos: *nós saímos porque estava calor; se fizer calor, sairemos; vamos para a rua, está calor!*, dentre outras possibilidades, bem como a partir de *estudar PT neg-ser aprovado* podemos ter *embora tenha estudado, não foi aprovado; ainda que tenha estudado, não passou*, etc.

A combinação do tipo de conector e a presença da negação nos segmentos A e B geram oito combinações possíveis, que podem ser organizadas em dois grupos:

Grupo 1:

A DC B

A PT neg-B

neg-A PT B

neg-A DC neg-B

Grupo 2:

A DC neg-B

A PT B

neg-A DC B

neg-A PT neg-B

De acordo com a TBS, cada aspecto representa um modo de o locutor expressar um ponto de vista frente a um tema, seja adotando uma mirada normativa, com aspectos em DC, seja por um modo transgressivo, com aspectos em PT. Assim, retomando o enunciado *está calor lá fora, portanto vamos sair*, é possível construirmos os aspectos:

Estar quente DC sair

Estar quente PT neg-sair

Neg-estar quente PT sair

Neg-estar quente DC neg-sair

Ou ainda os aspectos do grupo 2, mas com distinção de sentido, pois expressam uma temperatura imprópria ao passeio:

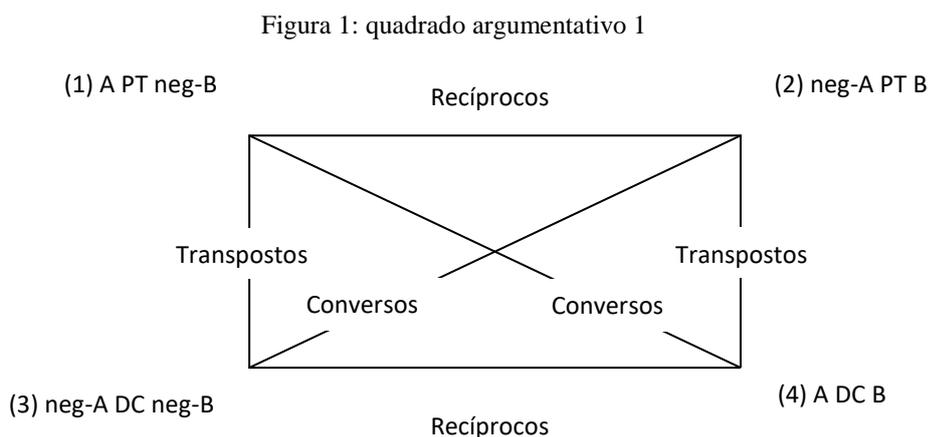
Estar quente DC neg-sair

Estar quente PT sair

Neg-estar quente PT neg-sair

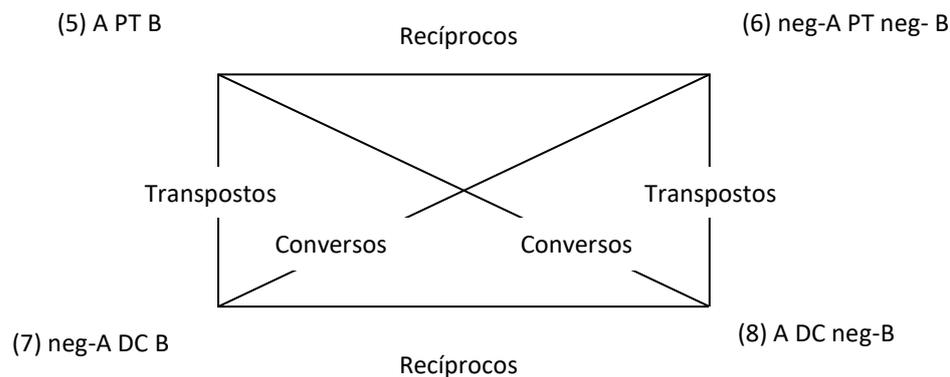
Neg-estar quente DC sair

Formalmente, os aspectos podem ser organizados por meio de esquemas denominados *quadrados argumentativos*. Os aspectos relacionam-se aos pares e recebem nomes específicos: relação de conversão, de reciprocidade e de transposição (CAREL; DUCROT, 2005, p. 40). Vejamos o esquema abaixo, representativo do grupo 1:



São *conversos* os aspectos em que ocorre a troca dos conectores e a negação do segundo segmento; são *recíprocos* em que são mantidos os conectores e ambos os segmentos são negados; por fim são *transpostos* aqueles em que há alternância dos conectores e negação do primeiro segmento. Assim, são conversos os aspectos (1) e (4), (2) e (3); são recíprocos os aspectos (1) e (2), (3) e (4); por fim, são transpostos os aspectos (1) e (3), (2) e (4). Abaixo, a figura que mostra o quadrado argumentativo do grupo 2:

Figura 2: quadrado argumentativo 2



Fonte: figura elaborada com base em Carel e Ducrot (2005, p.46)

Cada quadrado argumentativo é a representação formal de um *bloco semântico*. Para explicarmos o conceito de bloco semântico, recorreremos a Ducrot (2009, p.20), no artigo intitulado *Argumentação retórica e argumentação linguística*.

Chama-se bloco semântico (BS) o sentido resultante da interdependência entre os dois segmentos suporte e aporte. Ducrot esclarece o conceito por meio dos enunciados:

- (i) *Você dirige rápido demais, você corre o risco de sofrer um acidente.*
- (ii) *Você dirige rápido demais, você corre o risco de cometer uma contravenção.*

Ao analisar a expressão *rápido demais*, o linguista verifica que se trata de dois sentidos distintos. Em (i), refere-se a uma velocidade perigosa; em (ii), de uma velocidade proibida. Esses sentidos são construídos a partir da relação de *rápido demais* com a continuação dos discursos. Chamamos a atenção para a irrelevância de saber-se o número representativo das velocidades. A argumentação foi constituída pela articulação dos dois segmentos. Ambos, ao serem encadeados, estabelecem entre si uma interdependência semântica: o sentido de um segmento (*Você dirige rápido demais*) será especificado pela sua continuação (*you corre o risco de sofrer um acidente* ou *you corre o risco de cometer uma contravenção*). Notamos de maneira evidente a aplicação do conceito de valor do signo, proposto por Saussure, à descrição semântica do enunciado. Pela interdependência semântica, cada enunciado formará um bloco de sentido: enunciado (i), ao articular *Você dirige rápido demais* a *you corre o risco de sofrer um acidente* constrói o bloco semântico *velocidade perigosa*. Já (ii) constitui o bloco semântico *velocidade proibida*. Assim, um bloco semântico é o sentido decorrente da articulação entre os dois segmentos de uma argumentação. Logo, distintamente da concepção retórica, o segmento

suporte (que poderíamos associar a argumento) não tem sentido completo em si, nem o segmento aporte (a conclusão). Nas palavras de Ducrot:

A ideia de base é que, num encadeamento argumentativo *A donc (portanto) C*, o sentido do argumento *A* contém em si mesmo a indicação de que ele deve ser completado pela conclusão. Assim, o sentido de *A* não pode ser definido independentemente do fato de que *A* é visto como conduzindo a *C*. Não há, pois, propriamente falando, passagem de *A* a *C*, não há justificação de *C* para um enunciado *A* que seria compreensível em si mesmo, independentemente da sequência *portanto C*. Consequentemente, não há transporte de verdade, transporte de aceitabilidade, de *A* até *C*, já que o encadeamento apresenta *portanto C* como já incluído no primeiro termo *A*. (DUCROT, 2009, p.22).

Os aspectos normativos e transgressivos podem ser ligados a uma entidade linguística de dois modos: externo ou interno. A *argumentação interna* (AI) é relativa aos encadeamentos que parafraseiam uma expressão. Ducrot apresenta a AI de *prudente* a partir da ideia de que, se alguém é prudente, então toma precaução diante do perigo, como sendo *perigo DC precaução*. A *argumentação externa* (AE) relaciona-se aos discursos que podem preceder ou seguir-se a uma entidade, fazendo ela mesma parte de um segmento do encadeamento. É “a pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua, e que estão ligados a ela de modo externo” (DUCROT, 2002, p.9). Exemplificando, a AE de *estar atrasado* pode ser *estar atrasado DC correr*. A AE pode dar-se à direita da expressão, como no exemplo acima, ou à esquerda: *dormir demais DC estar atrasado*.

Do mesmo modo, estabelece-se argumentação externa ao enunciado e também a interna. Os blocos semânticos construídos a partir dos enunciados de um discurso permitem que se explicita sua estrutura argumentativa, ou seja, o modo como a argumentação do discurso é produzida.

Em nossa tese de doutorado (DELANOY, 2012), intitulada *Atitudes do locutor no discurso na perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua*, partimos da proposta de que os pontos de vista do locutor a respeito de um tema são representados por um aspecto argumentativo, e o debate entre locutores expressa-se por meio de uma das relações entre aspectos no interior de um quadrado argumentativo. Uma possibilidade de debate pode se dar entre uma perspectiva normativa e outra transgressiva, esta última, foco deste trabalho.

A transgressão no discurso acontece por meio da relação entre aspectos construídos pela oposição DC-PT. O locutor, ao argumentar com um aspecto converso à norma, opõe-se a esse discurso pela transgressão. Questiona a escolha da continuação do

segmento suporte pela negação do aporte, revelando certa insuficiência para proposição da norma. Logo, há oposição entre pontos de vista no interior do mesmo bloco semântico.

A DC B

A PT neg-B

Ao argumentar com um aspecto transposto à norma, o locutor nega a relevância do suporte para o aporte, pela transgressão e pela negação do primeiro segmento.

A DC B

Neg-A PT B

Vistos os conceitos fundamentais da TBS passamos às análises dos discursos. Começamos com a análise de duas obras de arte de artistas contemporâneos. Na verdade, analisamos o discurso a elas atribuído, e não as obras em si. Reconheço que a escolha deste *corpus* não é algo comum nas pesquisas com base na ANL ou na TBS, mas, já que o tema geral deste trabalho é a transgressão, permitimo-nos transgredir. Apoio-me, nessas análises de discursos atribuídos a objetos, em Ducrot (CAREL; DUCROT, 2005, p.68), quando ele descreve argumentações internas de palavras concretas, tais como *porta* e *peneira* e *sol*.

A metodologia do trabalho envolveu pesquisa nos âmbitos da Teoria da Argumentação na Língua e da Teoria dos Blocos Semânticos, para possibilitar a descrição e a explicação dos sentidos atribuídos a discursos. O *corpus* selecionado apresenta sentidos de orientação transgressiva. Passamos, então, às análises.

A primeira é uma escultura em pedra, do escultor espanhol José Manuel Castro López, a qual apresenta sua superfície enrugada, dando ilusão de que a rocha foi moldada tal como uma massinha de modelar³⁵. A estranheza causada a quem a aprecia recai justamente na oposição entre a dureza do mineral e a plasticidade aparente da obra. Ora, a nosso ver, trata-se de uma transgressão. Parece-nos aceitável atribuir à obra o aspecto *ter alto grau de dureza PT ser maleável*, sua argumentação interna. Uma argumentação transgressiva faz alusão a sua contraparte normativa, ou seja, nesse caso, *ter alto grau de dureza DC neg-ser maleável*, que representa a perspectiva normativa usualmente atribuída a rochas ou a outros materiais com alto grau de dureza. O sentido mesmo da escultura decorre do contraste entre essas duas perspectivas, assinaladas como aspectos conversos do bloco semântico *grau-de-dureza-que-impede-a-maleabilidade*. Como se nota, o artista parece se rebelar contra a própria essência do material. Ele diz “não” à resistência e a faz se render à plasticidade. O artista evidencia a transgressão, que acaba

³⁵ LÓPEZ, José Manuel Castro.

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100001801869745&sk=photos&pnref=lhc>. Acesso em 28/05/2017.

por constituir o sentido mesmo da peça. É justamente a transgressão que lhe dá valor artístico.

Passamos à obra do artista norte-americano Michael Beitz, denominada *mesa de jantar*³⁶. Sua configuração inusitada apresenta uma ondulação no tampo da mesa que oculta a visão dos extremos, quer dizer, as pessoas que ali sentarem-se não manterão contato visual. Nossa proposta de análise novamente centra-se no discurso transgressivo ligado à obra. Partimos do princípio de que a mesa de jantar é um móvel que facilita a integração entre pessoas no momento das refeições. Reunidas, compartilham o mesmo plano de apoio e podem manter contato visual, o que contribui para a conversação. Porém, o que se vê na mesa de jantar do artista é o completo impedimento de interação. A ondulação central não só impede o uso da superfície como apoio, mas também bloqueia a visão das extremidades, constituindo-se, então, numa denominação nossa, uma “mesa transgressiva”. Ora, localizamos a transgressão justamente no fato do impedimento de as pessoas interagirem ao sentarem-se; logo, à obra propomos a argumentação *ser um móvel destinado à socialização PT neg-permitir a interação* (sua argumentação interna), em oposição à norma *ser um móvel destinado à socialização DC permitir a interação*: relação de aspectos argumentativos por meio da conversão. Tal como a análise anterior, a evidência da obra é transgredir a função do móvel.

Figura 3: tira Mafalda



Passamos, agora, à tira³⁷. Felipe, ao perguntar a Mafalda: “Por que matou essa formiguinha? Que mal ela te fez?”, já apresentaria uma razão justificável para a morte do inseto, quer dizer, um suposto mal feito a Mafalda justificaria a morte. O aspecto que descreve essa argumentação é *matar sem razão DC agir negativamente*. No segundo quadrinho, Mafalda lhe dá concordância ao dizer “é triste”, porém prossegue com um

³⁶ BEITZ, Michael. <http://www.michaelbeitz.com/>. Acesso em 28/05/2017.

³⁷ FILOSOFIA HOJE. <http://www.filosofiahoje.com/search?q=mafalda>. Acesso em 28/05/2017.

“mas”, que inverterá a orientação argumentativa do discurso. Ao dizer: “Mas alguns bichos a gente tem de matar”, Mafalda argumenta sob o aspecto *matar sem razão PT neg-agir negativamente*, configurando um discurso transgressivo. Na sua continuação, a menina diz: “E se você não concorda, por que então come frango, peixe, carne... ?” direcionando a argumentação sob o aspecto *matar para alimentar-se DC agir positivamente*. Nesse caso, a argumentação transgressiva serviu de passagem à proposição de outra norma. O aspecto em PT mostra a negação à norma proferida por Felipe e permitiu então a adoção de outro bloco semântico, de *Matar-sem-razão-é-agir-negativamente* para o bloco *matar-para-alimentar-se-é-agir-positivamente*. O silêncio de Felipe é significativo. Representa a incapacidade de rebater a argumentação de Mafalda, o que é confirmado no último quadrinho: “Nós, os bondosos, sempre somos pegos por esses argumentos”.

Na continuação, segue o trecho de Paulo Freire:

A questão da coerência entre a opção proclamada e a prática é uma das exigências que educadores críticos se fazem a si mesmos. É que sabem muito bem que não é o discurso que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso. Nem sempre, infelizmente, muitos de nós, educadoras e educadores que proclamamos uma opção democrática, temos uma prática em coerência com nosso discurso avançado. Daí que o nosso discurso, incoerente com a prática, vire puro palavreado. (FREIRE, 1989).

O trecho de discurso de Paulo Freire escolhido para este trabalho foi recortado do texto “A importância do ato de ler” (FREIRE, 1989), no qual o educador faz algumas considerações sobre a coerência entre o discurso do professor e sua ação. Nas primeiras linhas, Freire coloca a norma, quer dizer, a coerência na atuação do professor, descrita pela argumentação *discursar sobre P DC agir conforme P*. A norma representa o que seria o esperado do professor. Na continuação, ressalta a incoerência de alguns profissionais, que pode ser descrita com *discursar sobre P PT neg-agir conforme P*, representando a transgressão. Ao fechar o parágrafo, Freire conclui a inutilidade do discurso incoerente (denomina “palavreado”) e, combinado com o que profere anteriormente – que a prática deve ajuizar o discurso – defende uma nova argumentação: *agir conforme P DC discursar sobre P* (observem a troca entre as posições dos segmentos suporte e aporte).

Conforme afirmamos no início deste texto, esta pesquisa ainda está em seus primeiros passos. São necessárias outras tantas análises para que se possa chegar a conclusões mais consistentes. No entanto, é possível arriscarmos alguns direcionamentos. Quanto ao papel da transgressão no discurso, parece-nos aqui haver duas funções: deixar

transparecer a própria transgressão, como nos sentidos atribuídos às obras de arte analisadas, ou servir como uma transição para a proposta de uma nova norma, tal como vimos na tirinha da Mafalda e no trecho de Paulo Freire. Tanto a rocha moldada quanto a mesa transgressiva parecem querer justamente evidenciar a negação de uma ideia ou de um sentido posto como normativo, estável. O estranhamento para quem as vê tem raiz precisamente nessa oposição. Assim, os artistas não parecem querer alterar normas, mas mostrar oposições. Por outro lado, a tirinha da Mafalda e o trecho de Paulo Freire mostram outro papel: a transgressão, o “não” à norma, tem função de desestabilizar uma orientação do discurso, para chegar a outro sentido. De modo geral, enquanto os discursos normativos parecem estáticos, imóveis, a transgressão indica movimento, seja para mostrar o gesto em si, seja para apontar para outra orientação semântica. Aquilo que é estável é confrontado com a instabilidade.

Referências

BEITZ, Michael. <http://www.michaelbeitz.com/>. Acesso em 28/05/2017.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La Semántica Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**. Porto alegre, v.43, n.1, mar. 2008.

DELANOY, Cláudio Primo. **Atitudes do locutor no discurso pela perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.44, n.1, jan./mar. 2009.

_____. Os internalizadores. In: **A teoria da Argumentação na Língua: estudos e aplicações**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v.37, n.o 3, p. 7-26, setembro, 2002.

_____. **Polifonía Y Argumentación. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso**. Cali: Universidad del Valle, 1990.

FILOSOFIA HOJE. <http://www.filosofiahoje.com/search?q=mafalda>. Acesso em 28/05/2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

LÓPEZ, José Manuel Castro.
<https://www.facebook.com/profile.php?id=100001801869745&sk=photos&pnref=lhc>.
Acesso em 28/05/2017.